

HARLEQUIN

Bianca®

2
ROMANCES
inesquecíveis

ALLY BLAKE
O milionário rebelde

REBECCA WINTERS
Conveniência real

Editado pela Harlequin Ibérica.
Uma divisão da HarperCollins Ibérica, S.A.
Avenida de Burgos, 8B
28036 Madrid

© 2022 Harlequin Ibérica, uma divisão da HarperCollins
Ibérica, S.A.
N.º 82 - dezembro 2022

© 2011 Natalie Anderson
Acabou-se o fingimento
Título original: The End of Faking It
Publicada originalmente pela Harlequin Enterprises, Ltd.

© 2013 Catherine Mann
Tudo ou nada
Título original: All or Nothing
Publicada originalmente pela Harlequin Enterprises, Ltd.
Estes títulos foram publicados originalmente em português
em 2014

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em
vigor, incluindo
os de reprodução, total ou parcial. Esta edição foi
publicada com a autorização
da Harlequin Books, S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e
situações são produto

da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Harlequin Desejo e logótipo Harlequin são marcas registadas pertencentes à Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas pela Harlequin Enterprises Limited e pelas suas filiais, utilizadas com licença. As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países. Imagem da capa utilizada com a permissão da Harlequin Enterprises Limited. Todos os direitos estão reservados.

ISBN: 978-84-1141-278-0

Sumário

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[Acabou-se o fingimento](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Tudo ou nada](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Epílogo](#)

[Volta](#)

DESEJO[®]_____

NATALIE ANDERSON
Acabou-se o fingimento



Capítulo Um

Já era tarde e ela queria muito ir-se embora, mas um ou dois minutos a mais não fariam diferença.

- Vamos, Audrey - murmurou Penny. - Temos de cuidar da tua saúde - espalhou o fertilizante, voltou a colocar o pacote na última gaveta do armário e pegou num jarro de água.

- O que está a fazer?

Os seus dedos tremeram e virou-se ao ouvir uma voz acusadora. Viu um homem de grande estatura, que usava roupa preta. Alguém que nunca vira. Um homem alto, moreno, com duzentos por cento de testosterona, estava no seu gabinete, naquela noite. Não era Jed, o vigilante, mas um predador voraz que vinha na direção dela, rapidamente.

Deu um passo à frente, num ato reflexo.

Ele soltou um palavrão, pois ela acabava de lhe atirar água para os olhos, seguida do jarro de vidro, tentando atingi-lo.

Uns dedos fortes apertaram-lhe o pulso. Penny deu imediatamente um puxão, para se livrar daquele braço. Tinha-lhe torcido o pulso e respirou, ofegante. Os seus dedos abriram-se e o jarro caiu.

O choque da água gelada contra o tórax fê-la sufocar um grito. Recuou e ele avançou implacavelmente, segurando-lhe o pulso. Penny bateu contra uma gaveta, que se fechou com um estrondo.

- Quem é você e o que está a fazer aqui? - perguntou ele.

Choque, dor, medo. Não conseguia mexer-se, só pestanejava, tentando pensar numa forma de fugir.

Mas aquele estranho aproximou-se ainda mais.

- O que está a fazer nos arquivos? - perguntou ele, num tom ameaçador.

Encostou-se ao arquivo de metal. Mas o homem não estava longe, podia sentir o seu calor, apesar da distância que havia entre eles. As marcas da mão dele eram bem evidentes no pulso. O grito parecia ter ficado retido na garganta e o coração quase não batia.

Ele puxou o cabelo para trás com a mão livre e pestanejou várias vezes. O rosto estava molhado com a água que lhe atirara, não com lágrimas, como ela. Ele sorriu, não por gentileza, e apertou-lhe o pulso ainda mais.

- Não pensei que fosse tão fácil - e examinou-a, com desprezo. - Não levará um único cêntimo desta empresa.

Penny deu um passo atrás. Estava louco, completamente insano.

- O vigilante virá fazer a ronda a qualquer momento - disse ela. - E está armado.

- Com o quê? Com uma lanterna? A única pessoa a ir para a cadeia esta noite será você, querida.

Sim, totalmente insano. Infelizmente, também estava certo sobre Jed estar desarmado. O máximo que podia esperar era um cassetete. E era uma esperança sem sentido, porque estaria a mentir, de qualquer forma, pois Jed não fazia a ronda. Ficava sentado atrás da secretária. E ela estava dez andares acima, sozinha, com um louco que ia... Que ia...

Ouviu a respiração ofegante, como se alguém estivesse prestes a ter um ataque de asma. Custou-lhe a perceber que era ela e pressionou a mão livre contra a barriga, mas não conseguiu parar de tremer. Os olhos encheram-se de lágrimas e os músculos tremiam. Ouviu vagamente, quando ele lhe prometeu qualquer coisa.

- Não a vou magoar - disse ele, em voz alta, olhando para ela.

- Já me está a magoar - respondeu, entredentes.

Largou-lhe o pulso de imediato, mas não se mexeu, bloqueando a saída. Mas ela conseguiu respirar novamente e o seu cérebro começou a responder, o coração voltou a funcionar, enviando sangue para as veias. Tudo o que tinha de fazer era fugir dali de alguma maneira e correr até encontrar Jed na recepção. Era capaz de fazer isso. Certo? Forçou-se a respirar fundo mais algumas vezes, conduzindo o seu corpo e o seu cérebro para o «modo de sobrevivência».

- Quem é você e o que está a fazer aqui? - perguntou ele, um pouco mais tranquilo, mas ainda com aquele tom decidido.

- Responda você - disse Penny.

Ele olhou para o jarro que estava caído no chão, ao lado dela, onde estava a floreira.

- Quem é você? - e olhou para ela dos pés à cabeça, lentamente. - Não parece ser a empregada de limpeza.

- Não. Quem é você e o que está a fazer aqui? - agora, conseguia ver e quase pensar, e pôde avaliá-lo. Alto e moreno, com calças de ganga e camisa preta de corte perfeito, como se tivesse sido feita por um alfaiate. E não usava gorro. Não era o tipo de roupa que um criminoso, normalmente, usaria. O olhar aborrecido tinha desaparecido. O rosto estava bronzeado, como se tivesse passado uma temporada a esquiar ou a velejar. Os músculos bem definidos também sugeriam muito tempo no ginásio. No pulso, usava um daqueles relógios que chamam a atenção, muito masculino, de metal, com pequenos ponteiros e funções que a maioria das pessoas não seria capaz de entender. E agora, que a água já tinha escorrido dos olhos, podia ver que tinham um tom entre o azul e o verde. Claros, brilhantes, vibrantes e... Estavam a observá-la?

- Eu perguntei primeiro - disse ele, suavemente, ao apoiar as mãos no armário do arquivo, destacando os braços fortes e bronzeados.

- Sou a assistente pessoal - respondeu ela, de forma mecânica. - Esta é a minha sala, a minha mesa.

- É Penny? - ergueu as sobrancelhas e olhou novamente para o corpo dela. - Não parece ser o tipo de assistente pessoal que Mason teria.

Como sabia o seu nome? E, como conhecia Mason? Semicerrou os olhos, quando ele começou a observá-la mais de perto. O corpo dele irradiava um tipo de calor capaz de aquecer o sangue, deixando a sua pele mais sensível. Não era possível. Não podia permitir que olhasse para ela daquela forma, por isso, tentou ser um pouco sarcástica.

- Na verdade, Mason gosta da minha saia.

Ele inclinou a cabeça e estudou o seu corpo durante mais alguns segundos.

- Então, isso é uma saia? Pensei que fosse um cinto - e sorriu. Não era o sorriso de um psicopata mas, certamente, fazia algumas pernas tremerem, como as dela começaram a tremer.

Teve de ordenar ao seu cérebro, conscientemente, que os seus lábios não sorrissem para ele, como se fosse uma tonta.

- É um modelo antigo.

- Ah, isso explica tudo. Não percebeu que as traças roeram a bainha? - e o rosto iluminou-se ainda mais. - Não que esteja a reclamar.

Era verdade, a saia de ganga era minúscula, os sapatos tinham saltos altíssimos e a blusa cor de champanhe deixava os ombros à mostra. Claro que não usaria aquela roupa para ir trabalhar. Estava vestida para ir a uma festa. Até poderia ter-se vestido daquela forma, se tivesse outros interesses. Só porque não namorava há algum tempo, não significava que tinha de perder a esperança. Agora, a sua linda blusa de seda estava ensopada, colada ao corpo, revelando muito mais do que pretendia. Não sentia

qualquer atração por um estranho, que aparecera de repente.

- Antes que eu grite, quem é você? - não que houvesse qualquer necessidade de gritar e ela sabia disso.

- Trabalho aqui - disse ele, lentamente.

- Não pode ser verdade. Conheço todos os que trabalham neste edifício.

Ele tirou um cartão do bolso. Leu rapidamente o nome. Carter Dodds. Não significou nada para ela, ao princípio. Nunca ouvira falar dele. Depois, olhou para a fotografia e percebeu que tinha a mesma camisa preta que usava agora.

Rapidamente, o seu cérebro chegou a uma simples conclusão.

- Começou hoje.

- Oficialmente, começo amanhã - replicou ele.

- Então, porque está aqui, agora? E como? - Jed podia não fazer rondas, mas sabia quem permanecia no edifício depois do horário. E, certamente, Mason não deixaria que um funcionário recém-contratado tivesse livre acesso a tudo, sem ninguém por perto para o supervisionar.

- Queria ver como era o local, quando estava tranquilo.

- Porquê? - a sua suspeita aumentou. O que queria ver? Não havia dinheiro, mas havia arquivos, contratos, dados contabilísticos, várias informações sigilosas sobre investimentos, que valiam milhões. Olhou para a porta aberta do gabinete de Mason, mas não conseguiu ouvir qualquer ruído.

- Porque está a regar as plantas às nove e meia da noite? - perguntou ele.

- Esqueci-me de as regar mais cedo.

- E voltou, apenas para as regar? - acrescentou ele, com total descrença.

Na verdade, estava no piso inferior, a nadar na piscina, quebrando todas as regras, porque a sala de ginástica já estava fechada. Mas não queria envolver Jed nesse assunto.

- Os recém-contratados não conseguem atrapalhar-me.
- Não?

E sorriu, mas antes de conseguir formular outra pergunta ela antecipou-se:

- Como conseguiu ficar aqui, sozinho?
- Mason decidiu ir-se embora mais cedo. Começaremos a trabalhar amanhã.
- Ele não me disse que você começaria a trabalhar esta semana.
- Conta-lhe sempre tudo?
- Normalmente, sim - ergueu a cabeça, numa expressão desafiadora, mas ele não percebeu, pois a sua atenção já se tinha virado para o corpo de Penny, outra vez.
- Mason é apaixonado pela esposa - disse ele, abruptamente. - Não conseguirá nada dele, mesmo se usar saias tão curtas.

Ficou boquiaberta.

- O quê?
- Não seria a primeira menina bonita a atirar-se a um homem mais velho.

O que estaria a sugerir?

- Mason tem oitenta anos.

Ele encolheu os ombros, sem esconder a sua raiva.

- Para algumas mulheres, isso torna-o ainda mais atraente.
- Bem, não é o meu caso. É como um avô para mim - disse Penny, fazendo uma careta.
- Foi você que disse que ele gosta da sua saia.
- Só porque você não conseguia tirar os olhos dela.
- Mas, não é essa a razão pela qual a usa?

Penny fez uma pausa. Ele não tinha receio de a desafiar diretamente. Bem, nem ela, quando conseguia pensar. Agora, o seu cérebro não estava a funcionar normalmente.

- Acho que não devia estar aqui, neste momento.
- A sério? Pergunte ao seu patrão. Pode usar o meu telemóvel - e tirou-o do bolso, digitou os números e

entregou-lho.

Tocou algumas vezes.

- Carter, já encontraste alguma coisa?

Penny segurou no telemóvel com firmeza, ao observar o tom ansioso da pergunta feita por Mason.

- Não, Mason, desculpe. É Penny, não Carter - e gaguejou, ao ver um sorriso diabólico no rosto de Carter. - Olhe, acabei de encontrar alguém no escritório.

- Carter - disse Mason.

- Sim - Penny estremeceu, tendo a sensação de que as surpresas ainda não tinham acabado. - Ele emprestou-me o telemóvel, para que eu falasse com o senhor.

- Penny, desculpa, eu devia ter dito, mas Carter achou que seria melhor aguardar até ele chegar.

Achou que poderia aguardar até ele chegar? Porque é que era Carter a ditar as regras? O que estava a acontecer ali?

- Carter é o diretor-geral da Dodds WD, em Melbourne. Pedi-lhe que viesse a Sydney e que ficasse duas semanas. Preciso da sua ajuda.

- Para quê?

Carter sabia que continuava parado, muito perto dela. Na verdade, voltou a colocar as mãos à volta do seu corpo. Dessa forma, não poderia escapar. Tinha a certeza de que ela tentaria fugir e quis garantir que não conseguiria.

Tentava concentrar-se para não cair na tentação de sussurrar que deveria avançar aqueles poucos centímetros. Empurrou as mãos com força contra o metal frio e viu-a a apertar o telemóvel para mais perto da orelha e virar a cabeça para longe dele.

Penny corou e Carter não pôde deixar de se divertir com a situação. Mason era o melhor amigo do avô. Visitara-o algumas vezes por ano durante toda a vida e isso estava registado na agenda do telefone de Mason, para o provar. Era a primeira vez que Mason pedira a sua ajuda e ali estava ele, pronto para ajudar.

Aquilo era uma distração. Com letra maiúscula.

- Claro - Penny afastou ainda mais a cabeça, claramente para evitar que ele ouvisse aquilo que Mason estava a dizer.

Carter não fazia questão de saber o que ele dizia. Estava completamente distraído, a olhar para ela. Tinha os olhos maiores e mais escuros que alguma vez vira. Sentia-se atraído por eles. Tinha o formato de olhos para onde se pode olhar por uma eternidade. Periféricamente, partes do corpo estavam a ser observadas e o seu cérebro tirou algumas conclusões rápidas.

Uma saia muito curta, uma blusa sexy, um corpo perfeito e uns lábios muito provocantes...

Aquela mulher sabia como era atraente e salientava todos os seus melhores atributos. Tudo era planeado para ser sensual, na perfeição. Não era uma secretária tímida e recatada. Era fogo. E todas as células do seu corpo queriam muito responder àquela provocação.

- Sim?

Estava a segurar no telemóvel, para ele.

- Olá, Mason. Desculpe por o incomodar tão tarde.

- Não te preocupes. Acho ótimo que tenhas começado tão rápido. Não poderei retribuir a tua ajuda.

- Então, Penny é a sua atual assistente pessoal? - continuava a olhar para ela, tendo dificuldade em acreditar que aquele senhor tão conservador, de oitenta anos de idade, tinha contratado uma secretária tão sexy. - Ela trabalha até tarde.

- Sim, trabalha sempre até tarde - Mason parecia satisfeito. - É um anjo. Chega cedo e está tudo tão organizado que facilita muito o trabalho.

Um anjo? A suspeita de Carter reapareceu. Penny não seria a primeira jovem atraente a virar a cabeça de um homem mais velho. Carter sabia exatamente como era fácil uma mulher ambiciosa usar a sua beleza, para deixar um

homem deslumbrado. Apesar da reação dela, quem poderia dizer se isso não estava a acontecer?

- Trabalha com o senhor há quanto tempo? - não pôde deixar de perguntar.

Houve uma pausa.

- Desde que o problema começou - a voz de Mason passou a ser fria. - Pensei que isso tivesse ficado bem claro.

De facto, Mason mencionara a assistente pessoal mais do que uma vez.

- Podes contar-lhe o que está a acontecer - disse Mason, abruptamente. - Eu já o devia ter feito. Carter, ela não é culpada de nada.

Carter olhou para a tentação personificada que estava à sua frente. A boca era brilhante e vermelha como uma cereja, que ele queria muito provar. Esse era o verdadeiro problema. Já estava a sair do caminho certo, mesmo antes de começar.

- O senhor tem razão - disse ele. - Não é.

Penny observou-o a guardar o telemóvel no bolso. Parecia não estar nada contente com a situação. Não sorriu e não se desculpou. Parecia tão nervoso como da primeira vez que a interrogara. Estava ali, para fazer exatamente o quê? Mason não lhe dera detalhes, só pedira para o ajudar, caso fizesse perguntas. Não tinham anunciado um novo cargo, pois era ela quem divulgava as novas vagas e saberia o que se passava. Era nepotismo e tinha a ver com o relacionamento do pai dele com o senhor Mason, nos tempos de escola. Contudo, não parecia ser um recém-formado, que recebeu o primeiro empurrão do amigo do pai.

- Conhece Mason, pessoalmente - comentou com sarcasmo, aborrecida com esse facto e por ele ser tão atraente.

- Há muitos anos.

Essa era a razão para a vaga não ter sido anunciada. Provavelmente, Mason criara uma função para ele exercer

o cargo.

- Não me parece que precise de favores para conseguir um emprego.

- A sério? - respondeu ele, suavemente. - Como sabe? É isso que faz? - aproximou-se mais dela e sussurrou, como se fossem íntimos. - A que tipo de favores se submete, para conseguir um emprego, Penny?

Era verdade que passara um pouco dos limites, mas ele exagerava.

- Que tipo de favores pensa que faço? - respondeu, sem pensar.

Os olhos dele chispavam e as pupilas dilataram-se rapidamente. O rosto tinha a simetria perfeita.

A palma das mãos dela estavam dormentes, quentes. Agora, estava a ficar quente, a pele dura e sedosa acariciava-a cada vez mais e mais rápido e... Oh, meu Deus, de onde vinha aquilo?

Recuou, para se afastar daquela loucura. Não podia ficar assim. Olhou para baixo e apertou os lábios, consciente de que a sua respiração deixara de ser rápida para ser audível, outra vez.

Olhou de novo para ele. O sangue incendiava-lhe todo o corpo, fazendo-a corar. Pelo menos, não estava ofegante como ela, ou era o que pensava.

Ficaram calados. Mas no ar pairava uma atração muito intensa. Despertava os seus desejos mais básicos, quase incontroláveis.

- Há um problema na contabilidade. Alguém na empresa anda a roubar - disse ele subitamente, levantando a cabeça.

- O quê?

- Estou aqui para verificar os arquivos e descobrir quem é e como o faz.

Alguém andava a roubar? Carter estava ali para apanhar essa pessoa? Mason dissera que ele administrava uma

empresa em Melbourne, por isso, devia ser um auditor ou algo do género.

Na verdade, não parecia ser dessa área. Usava calças de ganga e tinha o cabelo muito despenteado. Parecia ser demasiado desleixado para passar o dia a ver números.

- As únicas pessoas que sabem a verdadeira razão para eu estar aqui são você, Mason e eu - continuou a explicar ele. - Vamos dizer aos empregados da empresa que sou um amigo de Mason, que pediu uma sala emprestada por algumas semanas.

Os seus olhos verdes adquiriram um tom neutro de azul. A curva sensual dos lábios passou a ser uma linha severa. Penny observou tudo isso, percebendo aquela informação e as suas implicações.

E então, percebeu o que se passava.

- Pensou que era eu? - praticamente gritou, quase em ponto de ebulição. Podia ser qualquer coisa, menos uma ladra. - Sou a melhor funcionária desta cidade, sou trabalhadora e honesta. Como ousou aparecer aqui e fazer acusações em relação a mim?

- Eu sei - a sua expressão tornou-se muito séria. - Peço desculpa. Mason já me tinha dito que não podia ser você.

Suspirou e desarmou-a com um sorriso, penetrando na sua armadura e deixando o calor inundá-la, outra vez. Mas recusou-se a desviar a sua atenção.

- Mesmo assim, achou que era eu - acusou ela.

- Bem, tem de admitir que parecia... Parecia...

O corpo dela, apesar do frio, devido à blusa molhada, estava a ferver. Era impossível travar aquela atração. O mais sensato era fugir.

- Então... Agora, que já observou tudo... - disse ela, com sarcasmo e com os olhos fixos nele. - Poderia dar um passo atrás e deixar-me passar?

- Ainda não - disse ele. - Ainda estou a observar.

Penny estava tão nervosa que queria gritar. Ele baixou o olhar e o seu sorriso perdeu o brilho. Ela também olhou

para baixo. A blusa de seda estava molhada, estava da cor da pele e colada ao corpo, como se não usasse nada. Ainda pior, estava sensível e... Ficou horrorizada ao perceber que isso era bem evidente.

- Está com frio - disse ele, suavemente.

Sim, era óbvio.

- A água estava fria.

- Então, é por isso que...

Não podia fazer grande coisa. Ergueu a cabeça e os seus olhos foram ao encontro dos dele.

- Que outra razão poderia haver?

Ele esboçou um sorriso. O rosto bronzeado exibia uns dentes brancos e perfeitamente alinhados. Na verdade, tudo no seu rosto era perfeito. Usava camisa e calças escuras, e parecia um pirata, principalmente, por ter o cabelo um pouco comprido. A intensidade do seu olhar era devastadora e agora estava fixo numa coisa, na sua boca.

Percebeu qual era a intenção dele, sentia nos lábios o anseio pelo toque, mas isso seria insano. Não gostara da forma como ele lhe apertara o pulso. Não gostava do modo como o seu corpo estava a reagir à presença e ao toque dele.

- Não acrescente mais insultos à lista - reclamou, tentando retomar o controlo sobre o seu corpo. Mas as palavras não saíram com a força que queria. Sussurrou, sentindo dificuldade em respirar, porque mal se conseguia mexer.

- Como é que o facto de apreciar a sua beleza pode ser um insulto?

Estava acostumada a lidar com homens confiantes. Era o tipo que ela mais apreciava, quase à prova de bala. Mas isso era mais do que impetuosidade superficial. Era algo inato, absoluta arrogância. Ele aproximou-se ainda mais, sentindo o seu calor. O sangue passou por todos os lugares secretos do seu corpo e o cérebro não conseguia reagir.

De repente, o sorriso dele iluminou-se. Ergueu a mão e passou o dedo pelos lábios de Penny. Ela estremeceu.

Era como um choque. Estava em estado de choque. Esse era o problema, a razão para ela não resistir...

A expressão dele aqueceu ainda mais.

- Sente-se bem?

- Sim - murmurou ela.

O dedo dele entre os seus lábios amorteceu as palavras que, de qualquer maneira, não conseguiria pronunciar. Estava muito ocupada a apertar os lábios com firmeza, para impedir que a boca se abrisse, convidando a dele. Mas, de alguma forma, ele percebeu o convite, porque tirou o dedo e rapidamente o substituiu pelos lábios.

Foi suave. Um beijo morno, suave, que prometia mais do que deu. Mas foi bom. Ficou mais perto, sem parecer ameaçá-la, mas com uma pitada de atrevimento masculino e pressionando um pouco, o suficiente para a fazer aceitar. Para fazer com que quisesse mais. Surpreendida, relaxou. Os olhos fecharam-se automaticamente, enquanto o seu corpo se concentrava na doçura do toque. Há muito tempo que não sentia algo tão bom... Uma magia sutil enfraqueceu-a, eliminou a sua resistência.

Os lábios abriram-se e não conseguiu recusar. A resposta dele foi imediata e poderosa. Ouviu um som de satisfação e as mãos dele a acariciarem o seu corpo macio. Tremeu dos pés à cabeça, quando ele passou a mão pelas suas curvas, apertando o corpo contra o dele. Teve de lhe agarrar os ombros, caso contrário, cairia para trás. O beijo aqueceu outra vez. Atirou a cabeça para trás, quando ele lhe acariciou a boca. Ergueu a mão, deslizando um dedo pelo cabelo grosso. Ele não mostrou nenhuma resistência, beijou-lhe o rosto e o pescoço, e voltou a beijar-lhe a boca, dessa vez mais confiante, com autoridade carnal.

Estremeceu com o impacto e ainda sentia o corpo dele a pressionar o dela, ao estar entre ele e o armário. Mas não tinha a menor vontade de fugir. Não agora.

A arrogância dele era de tirar o fôlego. Mas de uma forma tão surpreendente como a forma como a beijava. Era como se estivesse determinado a maximizar o prazer para os dois, e o controle que costumava ter começou a desmoronar, perante tanto desejo.

Quis sentir o corpo de Carter contra o dela. Desejava-o como não desejara ninguém por muito, muito tempo. Tudo bem, como nunca. Desejando a sua força, a sua paixão, beijou-o, derretendo contra o seu corpo, procurando a sua boca com a língua, ávida por explorar mais.

E ele sabia isso. Colocou a mão que estava na cintura dela num seio e... Oh! Acariciou ligeiramente os mamilos eretos.

Sentiu a carícia como se a sua pele estivesse nua. E ficou muito quente.

Empurrou-o para trás. Os seus olhos estavam a meros centímetros de distância. Algo perigoso se incendiou... Diferente da fúria inicial, mas igualmente assustador para Penny. Tentou afastar-se o máximo que pôde na direção do arquivo de metal, respirando com dificuldade. Abanou a cabeça, o único meio de comunicação que conseguia usar. Ele ficou parado, petrificado, olhando fixamente para ela.

Um milhão de pensamentos passou pela sua mente... Pensamentos desesperados, estranhos, assustadores.

Ele demonstrara que teria sempre controle. Ela gostava de sexo, de provocação, da diversão do toque, da proximidade passageira. Mas nunca, nunca tinha perdido o controle. Tinha de estar no comando, precisava de se sentir desejada, mesmo que fosse por pouco tempo. Era muito cuidadosa ao escolher com quem ia dividir o seu corpo, porque depois se iria embora. E tinha a certeza de que um amante entendia isso. Compromisso não era algo que ofereceria. E nunca era completamente submissa. Contudo,

as sensações que agora ameaçavam subjugar toda a sua capacidade de pensar, de uma forma racional, eram novas. E eram muito indesejáveis.

Mas havia uma explicação lógica. Há menos de cinco minutos, pensara que estava a ser atacada. O coração ainda não tivera a oportunidade de acalmar os batimentos irregulares e o seu cérebro ainda estava programado para seguir a ordem «fugir, agora».

- Bem, foi uma maneira de diminuir o fluxo de adrenalina
- tinha de agir friamente.

- Era o que estava a fazer?

- Com certeza. Sabe, eu ainda estava a tremer de medo por me ter atacado no meu próprio gabinete.

Ele recuou um passo, levando o calor. Mas o seu olhar parecia ainda mais intenso.

- Ah... Então, o que foi para mim?

Aventurou-se a fazer uma suposição simples.

- Normal?

- Não - respondeu ele.

O seu corpo não estava a esfriar, mas tinha de se recompor. Não tinha medo de se divertir quando era possível, mas ali não havia diversão. Algo tão quente assim, em algum momento, devia magoar. E uma emoção tão intensa assustava-a. Ao fim de dez minutos com Carter, já tinha sentido terror, fúria e luxúria.

- Tenho de ir. Estou atrasada - quanto mais cedo chegasse ao bar, melhor... Tinha de acalmar a energia que circulava aleatoriamente no seu corpo, como uma mosca atordoada dentro de um recipiente. Ficar livre, numa pista de dança, durante as próximas oito horas, poderia resolver isso.

- Um encontro quente?

- Muito - mentiu ela, feliz por refrear qualquer coisa entre eles, evocando o seu amigo imaginário.

Carter afastou-se um pouco. Não sabia o que acontecera. Acabara de beijar uma desconhecida. Uma estranha que,

inicialmente, pensara que estava a roubar Mason.

Provavelmente, deveria pedir desculpa. Mas, como poderia pedir desculpa por algo tão bom? Ela parecia chocada, quase amedrontada, quase vulnerável.

Teria culpado a química, a adrenalina? Com quem pensava que estava a brincar? E agora, aparentemente, estava atrasada para o seu encontro. Ela direcionou o ar quente do secador de cabelo para o tecido da blusa. Depois, ergueu a gola e apontou-o para debaixo do decote, para secar a pele macia. Ele ficou ainda mais excitado.

Uma luz iluminou a mesa. Era o telemóvel de Penny, com uma mensagem.

«Onde tás? Kat e Bridge já estão na pista, a dançar. Vem depressa».

O seu encontro quente era com Mel, Kat e Bridge? Um grupo de mulheres que saíram numa noite de segunda-feira. Tirou o secador da mão dela e apontou para o seu cabelo molhado.

- Aqui, está muito frio!

Ela corou.

- Ah, pensei que estivesse com calor.

- Não está a funcionar bem - disse ela, abruptamente.

Carter apertou outro botão e pegou no secador na direção dela, como se fosse uma arma.

- Ou talvez seja porque ligou o secador para o ar frio.

Manchas vermelhas apareceram na sua pele e desligou o secador.

- Aqui está o seu telemóvel - e deu-lho.

Olhou para o ecrã e fez uma careta.

- Leu a minha mensagem?

- Apareceu, quando peguei no telemóvel - disse ele, encolhendo os ombros de uma forma inocente.

- Não era preciso pegar-lhe.

- Gosto de pegar em coisas bonitas e pequenas.

- Tenho a certeza que tem muita prática nisso.

- Bem, a prática leva à perfeição.

- É isso que pensa que oferece? A perfeição?

Sorriu ao ouvir o tom de voz dela. Fazia provocações de uma forma tão irresistível.

- Não acha?

Tinha os olhos fixos nos dele. Céus, como gostava disso.

- Acho que pode conseguir, se praticar mais.

- Está a oferecer-se?

Virou-se, pegou no jarro que estava no chão e foi enchê-lo com água, novamente. Queria, literalmente, apagar a chama? Mas deitou a água no prato do vaso da planta.

- O que é isso? Algum tipo de planta carnívora? - e observou os ramos, que pendiam sobre o arquivo. - Se crescer mais, não haverá espaço para mais ninguém trabalhar aqui.

- Pertence a Carol e estará aqui quando ela voltar. Viva e saudável.

- Acha mesmo que isso vai acontecer? - Carter sabia que a assistente de longa data de Mason tinha de vencer uma batalha contra o cancro. Estava de baixa há meses e Mason pagava-lhe o salário por inteiro, do próprio bolso. Por isso, encontrar a pessoa que andava a roubar o escritório era uma prioridade. Estava a pagar a duas assistentes pessoais. Era muito trabalhador, um patrão generoso que merecia mais do que ter funcionários ingratos, que colocavam a empresa em perigo.

- Claro que vai voltar - Penny colocou o jarro em cima do arquivo e olhou para ele nos olhos, outra vez. A chama ainda estava lá. - Há alguém que está mesmo a roubar?

Carter assentiu.

- Acho que sim.

- Mas, Mason é uma pessoa tão boa. Faz tanta caridade. Não merece isso.

- É por isso que estou aqui.

A avaliação dela foi aguçada.

- Bem, é melhor continuar com a sua jogada.

- Também estava a pensar nisso - assentiu com a cabeça, mas o jogo a que se referia era o que podia ser praticado com ela. E não deixou de perceber a sua luta contra o desejo e o antagonismo, na expressão dela.

Seguiu-a pelo corredor e entraram no elevador, num silêncio torturante. O espaço entre eles era muito pequeno, mas ele desejava que fosse ainda menor... Para que pudesse sentir a sua pele. Como um tigre, estava pronto para se lançar sobre ela. Pelo menos, o seu corpo estava. O cérebro advertia-o freneticamente contra essa atitude, como se não tivesse tempo para isso, como se precisasse de se concentrar.

O vigilante saiu da secretária, para abrir a porta.

- Boa noite, Penny - o sorriso iluminou-se, ao observá-la a andar pela receção, na direção dele. Mas o sorriso perdeu o brilho, quando olhou para trás dela e viu Carter. - Boa noite, senhor - disse subitamente, de uma forma bastante respeitosa.

Carter acenou e sorriu.

- Espero que Maddie esteja melhor, quando chegar a casa - disse Penny, suavemente.

- Eu também - o vigilante voltou a sorrir. - Vemo-nos amanhã.

Ela riu-se, ao passar pela porta.

- Divirta-se, Penny. - disse Carter, ao chegarem lá fora.

Virou-se e ele piscou-lhe o olho.

- Ah, espero que sim.

Ela também não conseguiu resistir. E ele sabia o tipo de diversão que as mulheres como ela gostavam... Era do tipo «dorme comigo». Sorriu, feliz por fazer parte da brincadeira, caso ela quisesse, porque a experiência fez com que amadurecesse. Ela nunca conseguiria descobrir, mesmo que tentasse.

Ela foi-se embora, com as pernas compridas enfiadas naquele pedacinho sexy de saia, andando elegantemente sobre os saltos altos e finos. O cabelo castanho e brilhante

caía sobre os ombros, quase tocando na cintura. Podia apostar que ela se cuidava muito, perseguindo a perfeição. Não que precisasse de se preocupar. Conquistaria tudo isso, só com a atitude.

Testosterona... E outras coisas... Vieram à tona, outra vez. Assim como a sua oculta natureza combativa. A vulnerabilidade que vira lá em cima, no escritório, quando a assustara, quando a beijara? Uma miragem. Penny, a assistente pessoal, sabia como brincar com um homem. O olhar de assassina que há pouco lançara sobre ele podia provar isso. Faria tudo por ela. O segurança desdobrara-se em cuidados com ela. E ela teria vontade de pisar Carter, como fazia com todos os outros homens. Sim, vira o desejo dela, de dominar a situação. Pensava que podia brincar com ele, como o gato e o rato.

Estava muito enganada.

Mal podia esperar que ela começasse.

Capítulo Dois

Penny piscou o olho a Jed, ao entrar no prédio nove horas mais tarde, em que três das quais passara a dançar e as outras seis a dormir.

- É muito cedo Penny - ele disfarçou um bocejo.

- Muito cedo.

Seria a primeira a chegar naquele dia, pois queria antecipar-se e ter o trabalho adiantado, quando Mason chegasse. Definitivamente, estaria pronta quando Carter Dodds aparecesse. Uma enorme caneca de café que tinha nas mãos ajudaria. Mas, mal se tinha sentado, quando a porta se abriu.

- Resolvi vir, antes de me ir embora.

Jed entrou... Conseguiu reconhecê-lo pela voz. O corpo estava completamente escondido atrás de um ramo de flores, tão grande que quase não passou pela porta.

- Acabou de chegar - disse ele.

- Mais nada? - Penny acomodou-se na cadeira. Sabia de quem eram. Aaron, um *playboy* mimado, o tipo de homem pelo qual sempre procurava, quando precisava de companhia. Só faltava «a chama». Na semana passada, dissera-lhe não e adeus, achara que tinha sido bem clara, mas as flores vinham provar o contrário.

- Obrigada, Jed - agradeceu, enquanto ele punha o enorme ramo de flores em cima da sua mesa. - Bom descanso.

- Não sou eu que preciso de descansar.

Penny disfarçou um suspiro. Levaria as flores para a receção, mas aguardaria até Jed se ir embora, pois estava